

VAZIO

E OUTROS CONTOS ANÕES

VAZIO

E OUTROS CONTOS ANÕES

ADOLFO LEITÃO CARVALHO

Autor: Adolfo Leitão Carvalho

Design da capa: Adolfo Leitão Carvalho e Bookmundo.pt

ISBN: 978-940-368-994-4

© Adolfo Leitão Carvalho

1ª Edição fevereiro 2023

Editora Bookmundo.pt

“Boa leitura é aquela que leia o que não há entre
página e página da mesma folha.”

Agostinho da Silva

Revisitei o mesmo sonho

Vezes sem conta,

Horas sem segundos

Em noites diurnas;

Caiu nele o meu corpo...

Eu

Ouçó barulho que não distingo se são passos que se aproximam ou passos que se afastam ou se são mesmo passos ou a minha imaginação, anestesiada pelos meus receios, que faz sonhar o meu pensamento.

Estou no escuro, dentro do escuro, abstraída do mundo em que vivo pelo mundo que vive em mim. Amo o escuro; mas temo a escuridão; e é a escuridão que me circunda o ar que me rodeia neste momento. Acendo, então, uma luz. Uma pequena fraca lâmpada de vinte watts que me ajuda a clarear a visão; que faz com que as minhas pupilas não se tornem menos dilatadas. E sossego. Por algum tempo acalmo a ansiedade que toma conta de mim. O bater do meu coração abrandar – sinto. Continua, porém, com uma velocidade que não me é normal. Na tentativa de medir a minha pulsação descobro que os meus dedos não têm a sensibilidade sensata para me prestarem este serviço de socorro caseiro. Nem um dos meus ouvidos consigo encostar ao meu próprio peito para ouvir bater o órgão que marca o meu compasso nesta vida. Falta-me aqui alguém. Alguém que responda ao meu pedido e encoste o

seu ouvido ao meu peito, auxiliando-me nas duas coisas de que careço neste preciso momento em que a escuridão se releva a todo o meu corpo.

O bater do meu coração

O carinho de uma outra alma

....

Recupero o receio que rapidamente se transforma em medo. O receio da escuridão agravou-se e tenho já medo do próprio escuro que tanto amava. É de olhos bem abertos que deixo de ouvir, que deixo de sentir tanto.

Pego num livro. Vazio e outros contos anões! O seu folhear produzirá ruído no espaço exterior. A sua leitura ocupará a imaginação no meu interior. Ambas me ajudarão a ignorar o barulho que não distingo.

Ainda antes, fecho a porta para evitar que os fantasmas entrem.

O Velho Poeta Velho

Foi, portanto, naquele dia, que o mundo deixou de existir. Tinham-no deixado ao encargo de engenheiros, arquitectos, cientistas, políticos com a mania de que eram líderes, futebolistas, advogados, empresários, doutores...tanta superioridade e tudo foi abaixo de qualquer forma.

Se ao menos tivessem existido Poetas. Haver havia-os, todavia serviam apenas para elaborar uns textitos que eram a leitura de descanso de todos os cabecilhas que, afinal de contas, acabaram por destruir todo o mundo, o deles e o de toda a gente. Poderiam, pelo menos, ter aprendido alguma coisa com o que leram.

Se tivessem deixado o Velho Poeta Velho comandar o mundo a seu bel-prazer, tudo teria sido melhor.

O Velho Poeta Velho não recitava poemas, nem escrevia versos em folhas de linhas, ou quadriculadas, ou brancas. Ele respirava poesia. Transpirava gotas que

eram autênticas rimas esporádicas, mas eternas. Desafiava qualquer um a viver segundo a sua norma: seguindo o seu coração.

E ninguém o levava a sério, pois o dinheiro, o poder, a matéria, tudo isso palpável, estava em primeiro lugar, mais primeiro que eles próprios. Isso viu-se, naquele dia, em que o mundo deixou de existir.

Pobre Velho Poeta Velho. Descansava ao sol quando a sombra deixou de haver. Repousava os seus dedos mágicos, que escreviam cartas fantásticas, no chão grumoso cheio de pequenitas pedras afiadas e salientes.

Reparava nas pernas que corriam sem parar, passando por ele e pela sua sombra que não se via, fugindo de um mundo que estava a acabar.

As pessoas não queriam, não quiseram saber da poesia. Limitaram-se a viver da mesma forma que viam viver os outros. Não tiveram a criatividade em arranjar outra forma de vida, pelo menos diferente, nem que pior fosse.

No dia em que deixou de existir o mundo vi na cara de todos aqueles, que nunca souberam viver, uma expressão arrependida.

No Velho Poeta Velho olhei uma lágrima, mas senti um sorriso. Também para ele o mundo tinha chegado ao fim, porém, enquanto lá estive não se arrependeu do modo de vida que teve.

A paixão, o amor, a amizade, a poesia, essas são as coisas que nos fazem viver e ele tinha-as agarrado com todo o seu corpo, com toda a sua alma.

Os outros nunca, tão-pouco, souberam que essas coisas tinham existido.

Se ao menos tivessem sabido.

Não foi por falta de aviso.... - Velho Poeta Velho.

A Pessoa

Acendeu o cigarro. E sem se aperceber começou a inspirá-lo, como se o fumo fosse o próprio ar. Há coisa de três minutos, fazia 8 anos, quatro meses, dois dias, 6 horas e vinte e seis minutos que não pegava num cigarro. Havia prometido a si, há 8 anos, 4 meses, 2 dias, seis horas e 26 minutos, que aquele seria o último que colocaria na boca. Neste preciso momento, quebrava, sem se aperceber, essa promessa.

Enquanto a mão esquerda se ia recordando do movimento que, há 8 anos, quatro meses, dois dias, seis horas e vinte e seis minutos era considerado rotineiro, a outra tateava a mesa do café num movimento constante e irritante aos ouvidos dos outros (nós). À sua frente, um copo. Vazio. Aguardava substituição, sem saber. Naquele copo, pouco tempo antes, tinha estado o álcool em forma líquida. Agora sobrava o odor ainda fresco.

Tudo isto acontecia sem a pessoa se aperceber.

À sua volta, pessoas diferentes só por serem pessoas expeliam uma tosse seca. Alguns faziam-no, propositadamente, intentando que o cigarro fosse apagado. Vários tossiam porque sim.

Não apagou o cigarro. Como poderia fazê-lo, se nem se tinha apercebido que o tinha tão-pouco acendido? Não tinha culpa. Estava inocente e nem ouvia o que se passava no espaço que o rodeava, em que, sem querer, assumia o centro das atenções.

Soubessem as pessoas o que nós sabemos, que nem o fumo, nem o cigarro, nem o fumador são acções conscientes; que aquela pessoa que ali os importuna, neste preciso momento, não o faz intencionalmente e que já não pegava num cigarro há 8 anos, 4 meses, 2 dias, seis horas e 26 minutos. Haveria a tentativa de compreender que acontecimento havia sucedido na vida daquela figura magra e triste, para se deixar cair, logo agora, ao fim de tanto tempo sem a presença do vício maduro.

De facto, nem elas nem nós poderemos saber o que aconteceu. Apenas podemos, pela facilidade da atitude, julgar aquilo que vemos. A crítica sempre foi mais fácil que compreensão.

E, porquanto, ali continua, sentada, a pessoa, expressando-se entre nuvens de fumo.

Mas, esperem
eis que se levanta! E vai embora.

Todos respiram novamente. Todos sorriem novamente. Há, porém, ainda um tempo de adaptação ao oxigénio que julgam limpo. Mas o importante é que o fumador já se foi. Que interessa o seu ar vago e incógnito; a sua face magoada sem feridas evidentes; a sua indiferença solitária. O importante é que já se foi.

Ficamos nós e os outros.

Da tristeza

As cartas, instrumento confidencial em desuso nos dias modernos, aqueles que convivem com o nosso corpo, revelam alguns episódios que queremos na memória, outros que não nos importamos de lembrar e ainda os que desejamos esquecer, mas que são os que mais invadem a recordação.

É ingrato dizer que a nossa vida vive de cartas, sejam elas coloridas ou não, com gotas de perfume ou o mero odor próprio do papel – aquele que num preciso momento queremos cheirar; cheias de palavras ou vazias... O que realmente há são sentimentos, emoções, retratos nossos antigos e antigamente nossos, muitas vezes com imagens desvanecidas que nos lembram momentos passageiros falsamente esquecidos.

As cartas feitas são experiências que se acumulam. Relatam alegrias momentâneas e tristezas efêmeras, mas que julgamos eternas. Olhamos as cartas do passado, comparamo-las com as que escrevemos ou